



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### PRELÚDIO E FUGA PARA UMA PEDAGOGIA DA DURAÇÃO

Ginaldo Gonçalves Farias<sup>†</sup>  
(UFBA)

#### RESUMO

Através de etnografia intuicionista, a dissertação Preludio e fuga para uma Pedagogia da Duração se constitui uma pesquisa em ensino de Filosofia pelo método da Pedagogia da Duração. Desenvolve uma narrativa poética enlaçando sonhos e teorias, e por meio de uma Etnopesquisa apropria-se de um ensino que põe a didática como espaço de vida. Tendo a tese Nas Asas da Borboleta Filosofia de Bergson e Educação de Rita Torreão como aporte teórico, apropria-se de conceitos bergsonianos transmutando-os para um fazer pedagógico.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação, Filosofia, Duração

#### INTRODUÇÃO

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio  
da travessia.

(João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas)

Como tudo tem história, irei historiar o percurso desta dissertação e evidentemente o meu para chegar até aqui, pois considero uma grande vitória merecedora de narrativa.

Vivemos, normalmente, dormindo mesmo quando estamos acordados, ensina Bergson, e algo forte nos acorda. Assim aconteceu com alguns filósofos, Hume despertou Kant do sono do idealismo que gestou por doze anos a “Crítica da

---

<sup>†</sup> Doutorando no Programa DMMDC- FACED- UFBA. ginaldogoncalves@gmail.com



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Razão Pura”, este exemplo também acontece com estudantes que imitam seus mestres e artistas; John Lenon disse que de tanto imitar Elvis Presley virou Lenon. Os grandes filósofos, suas vidas e lições e meus mestres e suas críticas foram matéria com a qual fabriquei meu despertar e não de forma tranquila, mas com revolta e resistências, mas contei com a paciência e dedicação deles nesta casa.

Os estudos que fiz sobre Bergson resultaram no meu TCC intitulado “A escola (re)significada diante da passagem do tempo”. No curso de especialização com o artigo “A escola e a educação na metafísica de Bergson”. No sexto encontro do GT da ANPOF de Filosofia da Educação Norte-Nordeste, realizado em Recife, quando tive a oportunidade de dialogar com vários doutores estudiosos de Bergson e com outros filósofos, consegui sistematizar melhor a questão que hoje trabalho e apresentarei nos próximos capítulos desta dissertação.

Com estas pesquisas e a minha práxis pedagógica no Instituto Federal da Bahia (IFBA), em Santo Amaro, e na Faculdade Montessoriano, na docência das disciplinas Filosofia e Ética, no nível de graduação, com o estudo da pedagogia da Duração, precisei me dedicar ao estudo sobre Bergson com mais afinco, o que me despertou do sono do materialismo histórico, ora envelhecido.

Henri Bergson viveu em Paris de 1859 a 1941. Sua filosofia é a princípio uma negação, isto é, uma crítica às formas de determinismo e “coisificação” do homem. Em outras palavras, a sua pesquisa filosófica é uma afirmação da liberdade humana frente às vertentes científicas e filosóficas que querem reduzir a dimensão espiritual do homem a leis previsíveis e manipuláveis, análogas às leis naturais e biológicas. Seu pensamento está fundamentado na afirmação da possibilidade do real ser compreendido pelo homem por meio da intuição da duração – conceitos que perpassam toda sua bibliografia. O próprio filósofo chegou a dizer que para compreender a sua filosofia é preciso partir da intuição da duração. A duração é o correr do tempo uno e interpenetrado, isto é, os momentos temporais somados uns aos outros, formando um todo indivisível e coeso. Oposto ao tempo físico ou sucessão divisível que é passível de ser calculado e analisado



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

pela ciência, o tempo vivido é incompreensível para a inteligência lógica por ser qualitativo, enquanto o tempo físico é quantitativo.

A Intuição significa, para Bergson, apreensão imediata da realidade por coincidência com o objeto. Em outras palavras, é a realidade sentida e compreendida absolutamente de modo direto, sem utilizar as ferramentas lógicas do entendimento: a análise e a tradução. Diferencia-se da inteligência que, apropriando-se do mundo por intermédio de ferramentas, calcula e prevê intervalos do mesmo plano espaço-temporal; a intuição, ao contrário, penetra no interior da vida, coincidindo com o real imediatamente. Dizemos, portanto, que o real passou a ser conhecido pela metafísica como, ao modo de Descartes, uma certeza imanente ao próprio ser do sujeito cognoscente.

A intuição é uma forma de conhecimento que penetra no interior do objeto de modo imediato, isto é, sem o ato de analisar e traduzir. A análise é o recorte da realidade, mediação entre sujeito e objeto. A intuição é uma coincidência com sua duração.

O centro de minha pesquisa é a Pedagogia da Duração criada e gestada aqui na Faced, em 2010, com a tese de título “Nas Asas da Borboleta: Filosofia de Bergson e Educação”, de autoria da Dra. Rita Célia, da qual participei na pesquisa e em sua aplicação prática, reconhecendo o êxito de sua eficiência em relação à formação de professores de filosofia, cujo exemplo sou eu mesmo, entre outros, que embora tenham feito outros cursos, como direito, administração, história, matemática etc., se tornaram professores de filosofia filosofantes nas suas vidas que passam no fundo de mares profissionais. Então me questioneei: será que a Pedagogia da Duração forma filósofos? Foram muitos anos acreditando que estava tudo explicado e que a luta de classes era o motor da história do mundo e das histórias pessoais, promessa de um mundo melhor, antes tão sonhado por mim.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### **POR QUE DURAÇÃO?**

A compreensão dos conceitos de Duração e Intuição é fundamental para o entendimento do que é Pedagogia da Duração e a distinção entre o que é vivo, logo que é o mesmo que ser criado e o que é construído.

Dois movimentos distinguem o que é criado do que é construído. O construído parte da periferia para o centro, tudo que constitui uma casa: porta, janela, telhado, parede, veio de fora e com eles a casa foi construída, podemos separar as partes, podemos retirar coisa a coisa, podemos analisar.

Porém o que é criado faz o movimento contrário, parte do centro para a periferia, como uma semente que explode em árvore, como um ovo que explode em pássaro. O vivo que é criado, não no sentido teológico de criação, mas no movimento contrário ao da construção, só pode ser intuído.

Bergson entende que instinto e inteligência são movimentos divergentes da vida, um e outro seguiram caminhos opostos, porém, como partiram de um mesmo tronco, guardam em si uma franja do outro. A inteligência é discursiva, analítica, e só compreende por meio de conceitos, logo imobiliza para conhecer, então a inteligência se apresenta como ferramenta importante na vida do homem e suas dificuldades para sobreviver, pois ela é eficiente no trato da construção e desconstrução, o instinto é conservador, ele busca a conservação da vida, e é preciso em seu movimento, ele não duvida nem vacila, fome é fome, desejo é desejo sem hesitação, quando o leão se direciona em busca da zebra ele não vacila, quando temos sede não duvidamos se talvez nossa necessidade não seria outra, quando temos sede temos absoluta certeza, aliás o instinto desconhece certeza e incerteza, ele age em função da conservação da vida de maneira precisa.

Há uma terceira possibilidade de conhecimento, um instinto desinteressado, uma simpatia, que Bergson chama de intuição. Ela, a intuição, acontece quando coincidimos com a duração do objeto que intuímos. Pois a duração de um objeto é sua singularidade, e apenas dele. Duração ou tempo real,



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

pois, para Bergson, o tempo cronológico e matemático da ciência e do senso comum é um tempo especializado, tempo real é Duração. O tempo matemático é a medida matemática, homogênea, do movimento da vida, ou seja, são as horas ou os dias que vivemos, mas a Duração é o que vivemos nessas horas e dias, logo é heterogêneo, é diferente para cada um em sua duração. Assim se distingue o tempo especializado da ciência, como homogêneo e descontínuo, e a Duração ou tempo real, como contínuo e heterogêneo.

Partindo dessa metafísica bergsoniana, Rita Torreão criou a Pedagogia da Duração, uma maneira de ensinar e aprender que se aproxima do vivo, do criado, que considera o fluir de um aluno em transformação mais importante que o cumprimento do espaço a percorrer predeterminado pela grade curricular. A corrida de um aluno é dele, todo aluno faz sua corrida em Duração, logo o conjunto da sala só pode ser visto como representação imóvel, como deformação do real que flui e que se dá singularmente nos indivíduos. A inteligência não é ferramenta adequada para lidar com o que é vivo, ela transforma o vivo em morto para dissecar suas partes, como se o vivo fosse uma engenhoca construída, mas o vivo explode do centro para a periferia, ele não é construído com pedaços, ele é inteiro. Só pode ser intuído.

As Ciências Humanas recorrem a um imenso erro, apesar de reivindicarem estatura igual às exatas e marcar sua diferença, utilizam a mesma noção de tempo das Ciências, logo o Tempo é uma categoria fundamental à estruturação das bases epistemológicas e lógicas de qualquer conhecimento. Entendo que para uma realidade verdadeiramente humana de ciência, a noção de tempo precisa mudar, pois no terreno do tempo matemático, as Ciências Humanas serão menores ou incorrerão em erros de fundamento.

### **BUCÉFALOS**

Muito resisti para não me inserir nesse trabalho de mestrado. Afinal, uma



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

dissertação, por ser um trabalho científico, deveria buscar uma distância segura para a inteligência, pois a proximidade gera afeto e os afetos atrapalham a inteligência. Mas resolvi arriscar, resolvi sair da área segura, porém monótona do como se deve fazer. Afastei-me do excesso de critérios para poder criar. É preciso coragem e um pouco de loucura, a primeira me falta, mas a segunda tenho de sobra.

Essa dissertação é também a história de minha vida. Vivi vinte anos de minha vida dentro de uma sala de aula de Filosofia, a sala da professora Rita Célia, ela foi minha universidade, primeiro fui aluno ouvinte, depois aluno regular, depois aluno monitor, depois professor auxiliar, substituto, adjunto e, por fim, professor de minha própria classe.

Descobri agora que os sentidos não são resultados dos órgãos, Aristóteles, em *Anima*, como princípio de finalidade, diz que não enxergamos por ter olhos, mas temos olhos porque enxergamos, ou porque precisamos enxergar. Eu, porém, numa perspectiva facediana, entendo que aprendemos a enxergar, a ouvir, aprendemos os sentidos e os sentimentos, somos como um animal cognitivo, um animal que aprende.

O processo de produção da dissertação levou-me a pensar sobre mim mesmo e voltei no tempo, sei que as palavras fixam o fluxo da duração, porém voltei de um salto aos dez anos, garoto bobo, ajudava a mãe a fazer faxina nos primeiros prédios de apartamentos que surgiram em Brotas. Naquela época, meu olhar inocente não via o ressentimento e, apesar das carências, aquele menino era de uma alegria sem conta, corria magro pelas ladeiras e se orgulhava de lavar banheiros como ninguém, depois entregava para a mãe o dinheiro da faxina como se fosse seu marido e o prazer era imenso.

Os anos se passaram e fui para Escola Técnica Federal da Bahia, lá pela década de setenta os Partidos Políticos e Organizações de Esquerda ilegais atuavam no Centro Cívico, lá conheci Karl Marx e a luta de classes, eu nunca tinha visto uma classe, nem sabia que elas brigavam, até então só via briga de vizinhos,



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

marido e mulher, de galo nas rinhas do Fim de Linha de Brotas e Candeal e nossas, os rapazes nos babas no Vale do Bonocô, que chamávamos Baixa do Tubo. Pois a leitura do mundo que Paulo Freire disse ser importante e que Marx foi um dos primeiros professores que consistiu em meu aprendizado sobre o ressentimento, a aprender a comparar e perder definitivamente a alegria. Depois de aprender sobre as diferenças e as desigualdades como algo ruim, a riqueza de quem tem foi tirada de quem não tem, era preciso aprender a se vingar. Então, ao concluir o curso de Eletrônica Industrial, fui para uma fábrica no Centro Industrial de Aratu (CIA) e de lá para a militância no Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, em Nazaré.

Às vezes, pensando nessa minha história e comparando com a história da humanidade, fico procurando um personagem para funcionar como arquê, para inspirar ou consolar. Participei de muitas guerras, mas não fui grande general, nem guerreiro herói, de todos que pensei escolhi Bucéfalo, o cavalo de Alexandre. Diante de tantos personagens na história, eu escolhi ser um cavalo. Uma cena no filme Alexandre, do diretor Oliver Stoni, foi decisiva: Bucéfalo era um cavalo indomável, ninguém podia montá-lo, mas Alexandre percebeu que sua ferocidade era medo, ele tinha medo da própria sombra, então não se aquietava, pulava o tempo todo, até que Alexandre disse baixinho: Bucéfalo, a sombra é uma brincadeira do deus Apolo, ela não lhe fará mal. Então ele pôde entrar na história. Eu, da mesma forma, precisei perder o medo das sombras para entrar em minha própria história, minha rebeldia e fúria, minha temeridade era medo, medo de sombras e assombrações.

### **DA DEFESA**

Como esse trabalho é um Prelúdio e Fuga mantive o título, pois a Pedagogia da Duração é algo que foi criado pela Dra. Rita Célia Torreão, mas ainda esta em crescimento, ainda é um vir a ser. Pelo mesmo motivo de ser prelúdio e fuga retirei a denominação de capítulos e coloquei movimentos, muitos são adágios



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

movimentos lentos, outros são apressados andantes e prestos, mas na totalidade procurei fazer da dissertação um alegre, um movimento leve e ligeiro, claro que tudo isso de maneira pop e desafinada, revelando uma mestiçagem do popular e erudito, do acadêmico e do burburinho que eclode das ruas. Quando criança no fim de linha de Brotas o som do tambor do Candomblé sobrevoava os barracos como uma ave noturna, varando a madrugada, meu coração dançava num ritmo de batuque, a música sempre esteve presente em meus sonhos e sonos, agora aparece nesse despertar.

### UM CANTO

O Poeta sempre é expulso da Republica, toda poesia é privada. No meio do caminha tem sempre um Platão.

Ai! que ninguém volta ao que já deixou, mas nada impedi que o deixado retorne na barca da fantasia, pois eu não vivo no passado, mas o passado vive em mim.

Assim Áfricas e Portugais sangram em meu coração morubixaba, por isso minha confusão entre guerra e festa, entre morrer, amar e dançar, em mim em vez de tradução houve fusão, confusão, numa síntese apenas minha de dor e beleza, de luz e sombra; pó e poesia.

Para muitos é fácil viver, amar, namorar, transar, falar, escrever. Para mim tudo é difícil, temo as mulheres, me embaraço na vida, tropeço nas palavras, firo nas carícias, danço na luta, e por fim exhibo minha cara de espanto, como quem come doce de tamarindo.. é doce???? É azedo????

### O SI MESMO UM MISTÉRIO

Aquilo que chamamos de si mesmo, mesmo sendo aquilo que somos nós mesmo, é um mistério para nós. O mistério é sempre tratado pela ciência como



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

algo a ser desvendado, e transmutado sua natureza, de mistério em conhecimento, logo a ciência é impotente para entender o mistério em sua natureza. Aqui faço um laço para demonstrar minha intuição do si mesmo, não para defini-lo, ou aprende-lo mas para saber que ele está aí, como mistério. Duas ideias são fundamentais para a intuição do si mesmo, primeiro a ideia de tempo qualitativo colhida de Bergson, os instantes são diferentes, são heterogêneos, não notamos isso porque não prestamos muita atenção em nós mesmos. Apenas em momentos de grande crise moral ou de saúde, percebemos a diferença dos instantes, mas todos os instantes são como o último, como o último suspiro, eles podem seguir um rumo totalmente diferente porque somos livres, e a liberdade é a outra ideia que reunindo-as tempo qualitativo e liberdade percebemos a impossibilidade de sermos abstraídos, aprisionados a termos generalizantes, a conceitos. Somos indivíduos, somos liberdade, somos irreduzíveis a uma operação lógica, pois somos o inesperado.

### **A ETNOPESQUISA INTUICIONISTA**

Os métodos da Pedagogia da Duração são tão vivos, coincidem com o vivo, que seus métodos intuicionistas são também etnométodos, por sua fenomenologia e antropologia, por aprender com o objeto e por atravessá-lo. As etapas dos métodos da Pedagogia da Duração são: as aulas do fogo, da angústia, da maiêutica e do esquecimento, batizado da turma, velório do semestre e assassinato do professor, memorial do aluno, cardápio e escolha dos filósofos por simpatia e acompanhamento individual.

Aula individual e acompanhamento fora da sala impõem a necessidade de uma monitoria de amparo e preparo de alimentos de difícil digestão, por exemplo: “Crítica da Razão Pura”, de Kant, é difícil para qualquer um que se aventure estudar, pois precisam de certos domínios da lógica. Muitos alunos entram em pânico e desespero, querem desistir, e o monitor escuta seus lamentos e raivas



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

contra a professora e a filosofia que ela ainda diz que não serve para nada – estas são doenças comuns a um renascido, refluxos, dores de barriga, choros, febres passageiras, mas o contato com a obra do filósofo parece provocar uma infecção. A Pedagogia da Duração não leva Filosofia para os alunos, traz os alunos para a Filosofia.

Na minha qualificação, o professor Dante Galeffi perguntou-me o que é etnografia intuicionista? Então, aqui, pretendo esclarecer. Etnografia intuicionista é o resultado da traição que fiz a etnopesquisa, ela se constitui de narrativas implicadas, de um esforço de descrição densa, atenta para a pertinência dos detalhes, porém o resultado não visa às relações sociais, ou melhor, étnicas, mas o indivíduo. A singularidade, a solidão da manifestação do eu profundo, um eu longe da casca da cultura, um eu somente alcançado pela intuição, a duração mesma de quem fala, as narrativas são étnicas, estão numa língua e numa organização social, porém, nessa narrativa, os gemidos dos afogados misturado ao burburinho da brisa marinha comum a todos, emerge. Assim, a etnopesquisa intuicionista é o resto da etnopesquisa, o resíduo descartável, o indivíduo esquecido diante da importância da cultura e das relações sociais. A etnografia intuicionista é uma fábrica de recicláveis, lida com o lixo, pois o indivíduo é lixo nos discursos das ciências sociais.

O indivíduo aparece na intuição porque ela é um tipo de conhecimento diferente de um conhecimento apenas intelectual como em Platão, quando a alma se encontra frente a frente com as ideias, esse estado de contemplação ainda separa sujeito e objeto, alma que contempla e ideia que é contemplada. Na intuição há uma fusão, uma coincidência temporal, uma simpatia com a duração do outro. Em nenhum outro momento há tanta radicalidade, a ruptura com a exterioridade recíproca, e o acontecimento da interioridade recíproca. Na intuição o conhecimento é íntimo, ele acontece antes dos recortes das formas, das ideias, ele é o eterno movimento da duração, e isso dificulta a comunicação, a expressão da intuição, pois as palavras, como as ideias, recortam a duração, então é preciso um



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

amontoado de palavras para tentar expressar uma simples intuição. Conforme Dante Galeffi, no prefácio de “Nas asas da borboleta”, sobre as dificuldades de expressar a intuição:

Qual o grau da intuição direta da duração que me chega como brisa falante? Não sei dizer. Sei somente que ressoo na palavra escrita que evoca o tempo do esplendor e da coragem, tempo da saga e da trilha aberta ao destino em sua ignescência perene. Um estado extático admirável. Como apanhar o sol com a mão sem que ele se retire de seu lugar. Um ato do espírito em seu reboiço incurável. Uma Graça! (2012, p. 14).

Quando Bergson diz que não existem coisas, só existem ações, entendo que ele tentou com essa máxima escapar da ilusão que temos de que o pensamento e as coisas se alinham de forma estanque como as palavras, o pensamento flui e a linguagem constitui pontos de orientação em nossa imersão nessa torrente. Todo esforço em representar essa experiência, e torná-la comunicável, até mesmo para alcançá-la é difícil, devido aos recortes da representação e hábitos de imobilidade da inteligência. Os místicos e os artistas como possuem uma percepção alargada, superam esses limites mais facilmente. Porém, quando vamos nos expressar, o meio que dispomos para isso torna-se obstáculo, as categorias são estanques, é preciso utilizar metáforas, é preciso driblar a rigidez dos significados em um discurso acadêmico, para encontrar significações que cheguem além do uso pragmático da linguagem.

Transgressões e lacunas foram criadas, às vezes o silêncio, torcer e retorcer para secar, retirar a umidade, estender em varal ventilado, passar com ferro morno, pois o tecido é delicado, dispor em um cabide o traje que usa para o baile à noite, e nem sonha, como estava jogado no roupeiro, sujo e amaçado, ser aquela mesma roupa, que agora parece nova, de gala, esse é o esforço que se faz com as palavras para expressar o movente, para dizer do fluir, do que se cria incessantemente, sendo um novo outro a cada instante, num frenesi de novidades, pois que coincidir com a criação é criar-se.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Assim, a etnografia intuicionista é uma pretensão conhecimento íntimo, de uma interioridade recíproca, de uma simpatia com a duração do outro, na qual sujeito e objeto se atravessam. Não há possibilidade de acontecer isso com um grupo social, apenas entre dois indivíduos, pois o grupo social já é uma representação, ele já está na imobilidade dos significados. A etnografia intuicionista é inexata, ela busca ao menos aludir ao que não se pode dizer diretamente. Porém é de altíssima precisão, pois, segundo Bergson, é preciso entender a diferença entre um método preciso e um método exato, os métodos matematizados ou os que imitam as ciências exatas, buscam por exatidão e perdem em precisão, a intuição é um método preciso. Um bom exemplo disso é pensarmos numa produção de roupas numa confecção, lá as roupas saem exatas, porém a produção de roupa sob medida, é precisa, o que é preciso é ajustado a algo específico.

Essa dissertação além de ser toda uma entre-vista, ou seja uma narrativa implicada entre vistas diversas ela também trata de método, então após as reflexões “novembrinas” intuí com o auxílio de professor Dante, que Etnografia Intuicionista comporta um capítulo e assim será feito quando for para publicação. Além desse aspecto a epistemologia para uma pesquisa qualitativa encontra-se em construção.

O que se chama hoje de pesquisa qualitativa é na verdade um produto tardio da modernidade epistemológica. É resultante de um movimento de diversificação de disciplinas ocorrido no século XIX, o século em que a história se torna um efetivo problema gnosiológico. Aí se pode reconhecer a origem da dicotomia entre ciências da natureza e ciências do espírito e que tem variadas motivações e causas (2009, p. 46).

Sendo assim, nesse meu trabalho há uma aproximação da Filosofia com as ciências do espírito, numa colaboração bergsoniana, de aproximação e afastamento. Uma aproximação que significa movimento, interterritorialidade, transgressão.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

As ciências da natureza explicam, as ciências do espírito compreendem. Esta aporia entre explicar e compreender revela, de qualquer modo, uma preocupação epistemológica distinta daquela das ciências naturais para fundamentar uma ciência que diz respeito ao comportamento humano e não ao comportamento de entes naturais que não precisam ser compreendidos e sim explicados. 49,2009.

A Pedagogia da Duração é uma ideia, um acontecimento e uma teorização, o novo que surge com coragem de propor-se pedagogia para o indivíduo, num mundo de inclusões e agrupamentos, porém conforme Dante Galeffi é preciso investir em novas ideias na área do conhecimento qualitativo.

O que deveria fazer para fomentar a produção de conhecimento qualificado em nosso país não é feito, que seria o investimento concentrado na experimentação de novas ideias e de novos talentos investigativos a partir de uma educação básica de qualidade p.55,2009.

Enfim a referencia que entra em destaque numa pesquisa qualitativa é o que ela faz ao pesquisador, o que ela altera nele, pois o pesquisador também é resultado de sua pesquisa. Sinto sobre essa pesquisa e sobre a Pedagogia da Duração sujeito e objeto fundidos, o ato mesmo da intuição, simpatia completa entre pesquisador e pesquisado, confusão, infusão, fusão e fundição, solda, liga, grude, em que as separações que ocorrem na linguagem surgem apenas para uma didática ou classificação, pois me tornei o que sou na práxis minha pedagógica, aliás eu e ela somos um, mais uma vez o professor Dante me socorre:

Penso e considero o ser humano em suas emergências e necessidades capitais como o principal sentido da pesquisa qualitativa aquela em que o pesquisador se torna aprendiz de si mesmo na relação de pertença com a totalidade vivente de seu mundo de relações materiais e mentais. Assim uma faz sentido na



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

medida em que alcança sentido como práxis pedagógica p.58,2009.

### REFÊRENCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERGSON, Henry. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Tradução Bento Prado Neto.
- \_\_\_\_\_. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1927.
- \_\_\_\_\_. **A evolução criadora**. Tradução: Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **Curso sobre a filosofia grega**. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- \_\_\_\_\_. **Duração e simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. Tradução: Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. (Tópicos)
- \_\_\_\_\_. **Memória e vida**. Tradução: Cláudia Derliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.
- \_\_\_\_\_. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Energia Espiritual**. Tradução: Rosimeiry Costhek Abílio. Martins Fontes, São Paulo, 2009.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Record Editora, Rio de Janeiro, 1989.
- DELEUZE, Gilles. **A Concepção da Diferença em Bergson**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/55397286/A-concepcao-da-diferenca-em-Bergson-Gilles-Deleuze>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- \_\_\_\_\_. **O Bergsonismo**. Tradução: Orlandi Luiz. B.L, São Paulo: ed. 34 Ltda., 1999.
- MACEDO, Roberto Sidney. **Um rigor outro**. Salvador: Edufba, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Etnopesquisa crítica**. Brasília: Liber Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Etnopesquisa implicada**. Brasília: Liber Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Compreender/mediar a formação**. Brasília: Liber Editora 2010.
- TOLSTÓI, L. **Ana Karenina**. São Paulo: Nova Cultura, 2013, p. 41.
- TORREÃO, Rita Célia. **O Rio do Tempo o Homem Devorador de Tempo**. Revista



ISSN: 2175-5493

**XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

14 a 16 de outubro de 2015

da FAGED-UFBA, n 12 - 2008.

\_\_\_\_. **Nas Asas da Borboleta: Filosofia de Bergson e Educação.** Salvador: Edufba, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Anotações Sobre as Cores.** Lisboa, Edições 70, 1987.